



O machismo naturalizado e suas manifestações no Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), câmpus Jaraguá do Sul, Centro

Igor Paes Machado | igor.pm2009@aluno.ifsc.edu.br¹
Jackson de Souza | jackson.s1@aluno.ifsc.edu.br²
Manoel Alves de Andrade Neto | manoel.n14@aluno.ifsc.edu.br³
Mariana de Fatima Guerino | mariana.guerino@ifsc.edu.br⁴
Mateus Vitor Costa Dias | mateus.c2009@aluno.ifsc.edu.br⁵

Trabalho de Ensino, Pesquisa e Extensão
DT 3 - Educação, Cidadania, Desenvolvimento Social e Práticas Inclusivas

Resumo:

Este trabalho investiga a naturalização do machismo no IFSC (Câmpus Jaraguá do Sul - Centro), motivado pelo aumento dos casos de feminicídio e pela observação de opressões no cotidiano escolar. O objetivo foi analisar como o machismo se manifesta contra professoras do Ensino Médio Técnico e como essas práticas se tornam invisíveis na cultura da instituição. A metodologia envolveu pesquisa bibliográfica e entrevistas qualitativas com oito docentes. Os resultados confirmaram que o machismo institucional aparece de forma velada, manifestando-se por meio de interrupções, apelidos pejorativos, desqualificação profissional e desrespeito à autoridade feminina, inclusive por parte dos alunos. Conclui-se que o instituto ainda reproduz estruturas que silenciam as mulheres, sendo fundamental promover espaços de escuta e debate. O trabalho permitiu a formação crítica dos pesquisadores e a validação das vivências das professoras, sugerindo a criação de fóruns permanentes para buscar um ambiente acadêmico mais justo e seguro.

Palavras-chave: machismo; naturalização; educação; professoras.

Introdução

A violência contra a mulher e as disparidades de gênero representam desafios estruturais profundos na sociedade brasileira. Para além das formas extremas de agressão, existe algo silencioso que sustenta as raízes da violência: a naturalização do machismo. Esse é um processo de repetição que gera a sensação de algo ser “natural”, onde o tratamento machista se torna comum e passa despercebido muitas vezes (Furyama *et al.*, 2023). O interesse em pesquisar o tema surge diante do cenário de feminicídios cada vez mais recorrentes e, especificamente, de situações vivenciadas no

¹ Estudante do curso Técnico em Química do IFSC, câmpus Jaraguá do Sul - Centro.

² Estudante do curso Técnico em Química do IFSC, câmpus Jaraguá do Sul - Centro.

³ Estudante do curso Técnico em Química do IFSC, câmpus Jaraguá do Sul - Centro.

⁴ Servidor do Departamento de Assuntos Estudantis do IFSC, câmpus Jaraguá do Sul - Centro.

⁵ Estudante do curso Técnico em Química do IFSC, câmpus Jaraguá do Sul - Centro.

cotidiano em sala de aula. Com isso, surgiu a necessidade e a relevância de estudar e debater o machismo vivido, pelas professoras do Ensino Médio Técnico Integrado do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), câmpus Jaraguá do Sul - Centro. Esse trabalho permitiu que enxergássemos falas e comportamentos machistas naturalizados nos ambientes escolares, evidenciando que a escola não está imune às reproduções do patriarcado.

A relevância desta pesquisa justifica-se pela urgência em desnaturalizar tais condutas. A situação-problema reside no fato de que o machismo institucional muitas vezes é invisibilizado por já estar enraizado na nossa sociedade e cotidiano, o que silencia vozes femininas e perpetua micro agressões no ambiente de trabalho e aprendizagem.

A pesquisa baseia-se em análise bibliográfica; o ensino promove a formação crítica e a reflexão sobre as relações sociais; e a extensão aplica-se no compromisso de retornar esse conhecimento à comunidade externa. O objetivo final é investigar as manifestações machistas contra as professoras do câmpus, visando construir um ambiente acadêmico mais justo e seguro.

Fundamentação teórica

O fenômeno do machismo naturalizado pode ser compreendido como um conjunto de práticas, valores e discursos socialmente construídos e enraizados que perpetuam a violência contra a mulher e desigualdades de gênero de forma muitas vezes silenciosa.

Historicamente, as mulheres foram mantidas no espaço doméstico por meio de mecanismos de dominação, como o analfabetismo, contribuindo para sua exclusão da vida pública e manutenção da desigualdade (Calil, 2000). Nesse contexto, não possuíam igualdade nos âmbitos legislativo, político e civil, sendo também submetidas à exploração no trabalho, com menores salários e condições desiguais (Rocha et al., 2013). Além disso, medidas de “proteção” reforçaram sua vulnerabilidade e a estrutura patriarcal, indicando que a igualdade de gênero ainda está em processo de consolidação (Rocha et al., 2013).

Observam-se mecanismos que sustentam a hierarquia de gênero, especialmente na infância, marcada pela distinção entre brinquedos considerados femininos e

masculinos. Enquanto os femininos estão vinculados a serviços domésticos, os masculinos relacionam-se a atividades mais agressivas, evidenciando os espaços histórico-sociais destinados a mulheres e homens desde cedo. Nesse contexto, as mulheres são direcionadas aos afazeres domésticos e à maternidade, enquanto os homens à vida pública (Furyama *et al.*, 2023).

Segundo Roncato (2022), a naturalização do machismo se estende em diversas esferas sociais. As instituições de ensino, enquanto espaços de socialização, não se encontram desvinculadas desse fenômeno, uma vez que naturalizam discursos, práticas e valores.

Procedimentos metodológicos

A metodologia iniciou-se com o embasamento teórico em oito artigos científicos sobre as raízes e manifestações do machismo. No levantamento de campo, identificaram-se 16 docentes no Ensino Médio Técnico Integrado do IFSC, das quais oito aceitaram participar da pesquisa. Foram realizadas entrevistas por pauta (Gil, 1999), de forma anônima e em locais reservados, conduzidas individualmente pelos membros do grupo. O registro ocorreu via gravação de áudio para posterior transcrição e análise, buscando relacionar os relatos à fundamentação teórica e às hipóteses levantadas. Para preservar o anonimato, as participantes foram identificadas numericamente (ex: Professora 1).

Resultados e discussões

Foram elaboradas cinco hipóteses, onde todas foram confirmadas pelas docentes.

As primeiras hipóteses investigaram o machismo vindo de colegas e alunos, revelando que a desvalorização da mulher atravessa todas as relações. No convívio profissional, as docentes relataram sentir suas capacidades diminuídas ou infantilizadas, enfrentando desde palpites constantes de colegas homens, até abusos de autoridade por parte de superiores para silenciá-las. Esse cenário de desrespeito se repete com os alunos, que reproduzem comportamentos machistas por meio de apelidos pejorativos e falta de atenção proposital. Os relatos mostram que a autoridade feminina é

frequentemente testada, com dificuldades de comunicação e controle de sala que não são enfrentadas pelos docentes homens, evidenciando que o gênero ainda pesa mais que a competência no ambiente escolar.

Segundo Francisco (2014), a dominação masculina opera de maneira silenciosa, o que dificulta o reconhecimento da opressão pelas próprias vítimas. Esse fenômeno ocorre porque o machismo está profundamente enraizado na cultura, sendo transmitido entre gerações como se fosse um comportamento natural.

A investigação confirmou a terceira hipótese, referente à desqualificação das docentes por meio de argumentos pseudocientíficos, que, em uma formação, ouviu que o sucesso feminino dependeria da aparência, reduzindo a competência da mulher a um aspecto sem base científica. Da mesma forma, confirmou-se a quarta hipótese, relacionada às inseguranças decorrentes da baixa representatividade feminina em cargos de liderança, indicando que a ausência de mulheres no comando reforça o silenciamento e a divisão histórico-social que destina aos homens a vida pública e às mulheres o ambiente doméstico (Furyama *et al.*, 2023).

Por fim, a quinta hipótese, referente à dificuldade das professoras em controlar e ter domínio de sala. Percebemos que, por serem consideradas desqualificadas, há frequentemente falta de atenção dos alunos, sendo maior a atenção direcionada a docentes homens. Além disso, observou-se que, em alguns casos, a atenção dos alunos ocorria apenas mediante o uso de um tom de voz mais incisivo, evidenciando a desvalorização de características associadas ao feminino.

Analisa-se que as docentes evidenciam a presença de machismo velado, que se manifesta de forma sutil no ambiente acadêmico, por meio de piadas e apelidos que diminuem e desqualificam as professoras, dificultando sua identificação (Ramalho; Soares; Cardoso, 2025).

Considerações finais

A conclusão deste estudo confirma o pleno alcance dos objetivos propostos, evidenciando como o machismo opera de forma persistente, validada e naturalizada no ambiente escolar. A metodologia, baseada na análise bibliográfica e em entrevistas, mostrou-se eficaz para validar as hipóteses e identificar as opressões vivenciadas pelas



docentes. Para os pesquisadores, a atividade foi transformadora, desenvolvendo um olhar sensível às questões de gênero.

Embora a complexidade do tema tenha sido um desafio, o trabalho promoveu um espaço de escuta e validação das experiências das docentes. Conseguimos unir o ensino, a pesquisa e a extensão. A pesquisa alimentou o ensino ao levar novos conceitos para a sala de aula, e ambos transbordaram para a extensão ao buscar um impacto direto na comunidade escolar do nosso câmpus. Sabemos que o enfrentamento das desigualdades é um processo contínuo, vislumbram-se ações futuras como fóruns de discussão e oficinas permanentes, reafirmando o compromisso da educação como ferramenta de transformação social.

Referências

FURYAMA, Luani Akemi *et al.* A naturalização de discursos machistas: reflexões sobre o cotidiano e o enfrentamento da opressão. **Feminismos**, v. 11, n. 1, p. 1-27, 2023. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/0120/f552ab233d06d5ff81d7cf7398f791451152.pdf>. Acesso em: 25 maio 2026.

CALIL, Léa Elisa Silingowschi. **História do direito do trabalho da mulher**: aspectos histórico-sociológicos do início da República ao final deste século. São Paulo: LTr, 2000. Disponível: https://books.google.com/books?hl=pt-BR&lr=&id=56O05FMnQ9MC&oi=fnd&pg=PA6&dq=trabalho+mulheres+hist%C3%B3ria&ots=IfHYMSDh84&sig=E05F923QlrUGfAv-steeNDK_K_0E. Acesso em: 2 maio 2026.

FRANCISCO, Renata de Souza. Tornando o invisível visível: um olhar panorâmico sobre a dominação masculina, machismo e a criação do “próprio” para mulheres. **Perspectivas Online: Humanas e Sociais Aplicadas**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 11, p. 25-36, 15 dez. 2014. Disponível em: https://ojs3.perspectivasonline.com.br/humanas_sociais_e_aplicadas/article/view/556/478. Acesso em: 2 maio 2026.



GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

RAMALHO, Carla Chagas; SOARES, Evellyn Santos; CARDOSO, Fernanda de Souza. O machismo e as violências contra as mulheres no espaço acadêmico. **Revista Internacional de Educação Superior**. Campinas, v. 12, p. 1-21, 2025. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/riesup/article/view/8675756/36090>. Acesso em: 3 maio 2026.

ROCHA, Anderson Caldas; SANTOS, Izabela Karolyne Barboza; SILVA, José Geivide de Jesus; SANTOS, Marcelo Henrique Lima; SANTOS, Mércia de Oliveira; SANTOS, Philipe Bezerra dos; COSTA, Carmen Lúcia Neves do Amaral. **A evolução dos direitos trabalhistas da mulher ao longo dos tempos**. Cadernos de Graduação: Ciências Humanas e Sociais, Aracaju, v. 1, n. 17, p. 77-84, out. 2013. Disponível: <https://periodicos.set.edu.br/cadernohumanas/article/download/950/504/>. Acesso em: 3 maio 2026.

RONCATO, Mariana Shinohara. Uma análise marxista do trabalho das mulheres: Susan Ferguson e a Teoria da Reprodução Social. **Caderno CRH**, Goiabeiras, v. 35, p. 1-9, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccrh/a/nz9CPkymhzm38kwCXXvS7Bq/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 03 maio. 2026